



Ipês colorem avenidas da cidade até agosto

RONALDO VICTORIA
ronaldo@jornal.com.br

A florada dos ipês-roxos já marca vários pontos da cidade desde a entrada do inverno, no final de junho. A árvore floresce até meados de agosto e depois dá lugar a variedade amarela, como conta o professor Demóstenes Ferreira da Silva Filho, do departamento de ciências florestais da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz).

“Cada espécie tem uma estratégia de crescimento. O ipê-roxo é o primeiro a florescer, depois vêm o amarelo, o rosa e o branco”, destaca o professor. Segundo ele, há várias gradações entre essas espécies básicas, com tonalidades diferentes de flor, que existem em menor escala. “Eu calculo que existam pelo menos 20 espécies diferentes de ipê além dessas mais conhecidas”, diz Silva Filho.

De acordo com ele, Piracicaba é privilegiada por contar com todas as variedades básicas da espécie. Ele calcula que existam hoje na cidade pelo menos 400 árvores de ipê-roxo.

A espécie que primeiro dá flores não é a dominante em Piracicaba, perdendo para a que dá flores amarelas. “O ipê-amarelo do cerrado é o que existe em maior quantidade, pelo menos o dobro do roxo, ou seja, existem aproximadamente 800 árvores”, conta. O ipê-rosa tem atualmente 600 árvores. “Essa não é uma árvore nativa, tem origem em El Salvador e se aclimatou bem na cidade”, lembra. O ipê de flores brancas é o que existe em menor quantidade, não ultrapassando 200 árvores.

Em termos proporcionais, somente os ipês, explica o docente, correspondem a quase 5% de toda a cobertura vegetal nos espaços



Alessandro Maschio/JP

Ipê-roxo embeleza paisagem de bairro na cidade: estimativa é de 400 árvores dessa cor

públicos em Piracicaba. “De acordo com nossa última pesquisa, temos hoje em média 40 mil árvores em Piracicaba. Isso contando as que chamamos de árvores de rua, já que nos espaços particulares não temos garantia de acesso”, ressalta.

Para o professor Demóstenes, a taxa de arborização urbana em Piracicaba pode ser facilmente classificada como ruim. “Uma cidade desse porte ter 40 mil árvores é muito pouco. E digo isso também em termos comparativos. Se você considerar que Maringá, no norte do Paraná, uma cidade que conta

com exatamente a mesma faixa populacional, tem atualmente 130 mil árvores, ou seja, mais que o triplo, vê o quando estamos perdendo”, explica.

Para o professor, a cidade deveria pelo menos dobrar esse número e contar mais com árvores de grande porte. “Hoje a espécie que responde pela maior quantidade é na verdade um arbusto, a falsa-murta. Já de árvores mesmo, a que existe em maior número é a sibiruna.”

Para Silva Filho, na Zona Rural da cidade ainda é possível se manter uma vegetação condizen-

te, mas a coisa complica na área urbana, que fica por conta da administração municipal e onde persistem certos equívocos. “Ainda existem pessoas que reclamam da ‘sujeira’ que as folhas das árvores fazem em suas calçadas, o que acho muito comodismo. É muito mais racional que o passeio público tenha também uma faixa verde”, diz o professor.

Demóstenes Silva Filho conta que o ipê-roxo corre risco por causa da crença de que sua casca tem efeitos medicinais. “Toda árvore pode ter essa função, mas isso acabou sendo prejudicial para o ipê-roxo”, lembra. A árvore, conhecida por outros nomes, como cabroé (no Rio de Janeiro), pau d’arco (na Bahia) e peúva (no Mato Grosso), tem o nome científico de *Tabebuia heptaphylla*.

O ipê-roxo é o primeiro a florescer, depois vem o amarelo